



A prática cinéfila como forma de cultivo da qualidade humana profunda

Cinephile practice as a way of cultivating deep human quality

Thais Fernandes do Amaral¹

Resumo: Com vistas a ampliar discussões relativas aos estudos de Marià Corbí na área de Ciência da Religião no Brasil, este artigo objetiva responder a seguinte questão: pode a prática cinéfila ser uma forma de cultivo da *Qualidade Humana Profunda* nas sociedades do conhecimento? Inicialmente, trilhando um percurso por meio de uma pesquisa bibliográfica, serão expostos breves aportes acerca da construção do epistemólogo Marià Corbí. A seguir, o foco será a arte nas sociedades do conhecimento contemporâneas. Por fim, será realizada uma aproximação entre prática cinéfila e Marià Corbí, através dos dados obtidos por meio da realização de um grupo focal. Conta com apoio financeiro da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Palavras-chave: Prática Cinéfila. Marià Corbí. Espiritualidade sem religião. Qualidade Humana Profunda. Ciências da Religião.

Abstract: With a view to broadening discussions about Marià Corbí's studies in the field of Religious Science in Brazil, this article aims to answer the following question: can the practice of filmmaking be a way of cultivating *Deep Human Quality* in knowledge societies? Initially, by means of a bibliographical survey, brief contributions will be made about the construction of the epistemologist Marià Corbí. Next, the focus will be on art in contemporary knowledge societies. Finally, an approximation will be made between cinephile practice and Marià Corbí, through the data obtained from a focus group. Financial support from CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Keywords: Cinephile Practice. Marià Corbí. Spirituality without religion. Deep Human Quality. Science of Religion.

Introdução

“A vida é sofrimento e isso é difícil. O mundo é amaldiçoado, mas
você ainda encontra razões para continuar vivendo”
(Princesa Mononoke, 1997)

¹ Doutoranda em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestra em Ciências da Religião pela mesma instituição. Graduada em Pedagogia. Membro do grupo de pesquisa REDECLID. Dedica-se à pesquisa sobre etnobotânica e sua relação com a Umbanda. Bolsista CAPES. thais77fa@hotmail.com.br



A contemporaneidade faz emergir dados, em se tratando de um contexto brasileiro, que revelam que cresce² o número de pessoas que se autodenominam como sendo sem religião. Os sem-religião surge como uma categoria censitária, com dados obtidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, cujos dados evidenciam que esse é o terceiro grupo que mais cresce. Por mais que tenha seu ponto de partida através do censo, o termo foi tipificado pela academia, onde revelou ser um fenômeno plural.

Não é um grupo de sujeitos homogêneos, podendo englobar pessoas com crença – a exemplo tem-se os agnósticos – e sem crença – a exemplo tem-se os ateus. O *ser sem-religião* implica em uma autodeclaração, que parte de uma percepção pessoal. Esse grupo, em muitos momentos, compartilha de uma desinstitucionalização de uma religião, sendo assim, produzem sentidos e respostas próprias a questões ontológicas. O ponto principal é que não são reféns de um sistema da religião. Esse sistema é aqui compreendido como um fenômeno humano que abarca um modelo de organização para sociedades que se configuram como estáticas, no sentido de serem rígidas e fixas, que envolve relações de submissão e imposição entre os constituintes da mesma. Os sem-religião são, portanto, um grupo que busca se desatar dos nós de instituições religiosas e, nesse contexto, partem em caminhos para novas formas de encontrar, viver e partilhar sua espiritualidade. Por esse viés é possível o encontro com Marià Corbí.

Nascido em 1932, em Valência, Marià Corbí é doutor em Filosofia e licenciado em Teologia. Como produto de seu estudo, em 1999 criou o *Centro de Estudios de las Tradiciones de Sabiduría* – CETR – cuja sede está localizada em Barcelona. Ao longo de mais de 55 anos, dedica-se a indagar – mais do que investigar – a respeito das consequências do sistema da religião e ideologias nas sociedades do conhecimento, aquelas que se estruturam a partir da criação contínua de ciências e tecnologias. Aborda, com maior profundidade, a respeito do silêncio e suas implicações para os seres humanos. Marià Corbí se propõe a fundamentar de forma laica, sem crenças ou religiões o conceito *Espiritualidade*, o que ele prefere denominar como *Qualidade Humana Profunda*.

Inicialmente, trilhando um percurso por meio de uma pesquisa bibliográfica e, posteriormente, pela realização de um grupo focal, busca-se responder à seguinte questão:

² Como afirmam os pesquisadores Flávio Senra e Fabiano Victor de Oliveira Campos, “esse grupo cresce, particularmente no Brasil das últimas quatro décadas, saltando, segundo dados do último Censo Demográfico do IBGE, de 0,8% da população brasileira em 1970, para 8,04% em 2010” (Senra; Campos, 2014, p. 312).



pode a prática cinéfila ser uma forma de cultivo da *Qualidade Humana Profunda* nas sociedades do conhecimento? Seria a prática cinéfila, voltando em citação que abre esse artigo, uma das razões pelas quais as pessoas continuam a viver, em um contexto permeado por incertezas e busca por sentido?

1. Breves aportes acerca da construção do epistemólogo Marià Corbí

Marià Corbí parte da afirmação de que “já sabemos que ninguém nem nada nos resgatará de nossa incompetência e de nossa falta de qualidade. Estamos irremediavelmente em nossas próprias mãos, sem que nada nem ninguém nos alivie dessa responsabilidade” (Corbí, 2010, p. 9). Por mais que o pesquisador parta de um contexto europeu, ao voltar o olhar para a América Latina, afunilando mais ainda e tendo o Brasil como foco, é possível perceber que os sujeitos estão em crise. Crise essa a qual, ao passo em que são reféns, também são produtores. Há, na contemporaneidade, uma busca por se preencher com coisas as quais julgam-se essenciais. Essas coisas vão desde objetos a relações pessoais. Essa busca traz, na maioria das vezes, achados que se tornam alicerces sobre os quais os sujeitos fundam suas bases existenciais. Contudo, por vezes obsoletos, esses alicerces são instáveis e podem ruir a qualquer momento. São como pilares de ferro estruturados em meio a um terreno de areia movediça. Essa instabilidade gera a crise.

Em tempos passados, nas chamadas sociedades que se configuraram como estáticas, a *casa* – termo aqui usado como uma metáfora – dos sujeitos era dada pronta, entrava-se nela com tudo pronto para ali habitar e, mais do que isso, a tarefa consistia em manter tudo do mesmo jeito. De acordo com Marià Corbí, esses tipos de sociedades eram “[...] sociedades que vivem da mesma forma durante centenas de anos, durante milênios” (Corbí, 1992, p. 130, tradução nossa³). Exemplos desses tipos de sociedade são as agrárias e industriais. Entretanto, agora, na contemporaneidade, cada sujeito é o próprio construtor. Essa configuração social impedia a indagação e criatividade porque apresentava um projeto pronto, enviado por algo divino ou pela natureza das coisas, a ser seguido para manter a ordem social. A esse projeto, Marià Corbí (2015) denominou como *Projetos Axiológicos Coletivos*, que “[...] são sistemas para a coesão de equipes de pessoas, que podem ser de tamanhos muito diferentes e para diferentes propósitos

³ “[...] sociedades que viven de la misma forma durante centenares de años, durante milenios.”



específicos” (Corbí, 2015, p. 18, tradução nossa⁴). Esse projeto implica em que as sociedades se estruturam tendo como pilares a hierarquia, a imposição e a submissão, que atravessam várias instâncias, desde religiosas, familiares e trabalhistas.

Nesse processo o que surge é um sentimento de inaptidão para guiar a própria existência, o que contribui para uma crescente nos casos de depressão, ansiedade e outras questões emocionais que, com uma busca rápida em portais de notícias podem ser percebidas⁵. E esse sentimento surge nos momentos de confronto consigo mesmo, nos momentos de silêncio interior e reflexão sobre si, prática que sequer existia nas sociedades estáticas. Por isso, a exemplo, há nos sujeitos uma necessidade de sempre se ter um som ambiente ou um conjunto de tarefas sendo feitas ao mesmo tempo, para que os sujeitos não tenham tempo de pensar sobre si.

Essa questão evidencia que “os problemas colocados pelas sociedades do conhecimento mostram toda a sua gravidade porque as sociedades industriais não os podem evitar. Resultam em ser um destino inevitável” (Corbí, 2020, p. 30, tradução nossa⁶). As sociedades do conhecimento são aquelas

[...] que vivem e prosperam da criação contínua de ciências e tecnologias, em retroalimentação mútua e, mediante elas, da criação de novos produtos e serviços. São sociedades de inovação e mudança, a ritmo progressivamente acelerado. [...] Estas sociedades criativas e inovadoras não são sociedades homogêneas, mas sim, repletas de diversidade. A criatividade gera diversidade; a homogeneidade só pode ser alcançada por imposição e coerção (Corbí, 2020, p. 27, tradução nossa⁷).

⁴ “[...] son sistemas de cohesión de equipos de personas, que pueden ser de tamaños muy diversos y para finalidades concretas diferentes.”

⁵ “Dados recém-divulgados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) 2019, do IBGE, apontam conclusões que nós, profissionais de saúde mental já observamos de perto nas clínicas e consultórios: um crescimento significativo do número de casos de depressão no Brasil. Segundo a pesquisa, 16,3 milhões de pessoas com mais de 18 anos sofrem da doença, um aumento de 34,2%, de 2013 para 2019. [...] Ano passado a OMS já havia apontado o Brasil como o país com mais deprimidos da América Latina, com 5,8% da população padecendo da doença, frente aos 4,4% nos demais países do continente. A situação é grave se considerarmos o descaso do atendimento em saúde pública com as doenças mentais no Brasil, que recebem destinação pífia do orçamento da pasta” (Giglottil, 2020).

⁶ “los problemas que plantean las sociedades de conocimiento muestran toda su gravedad porque las sociedades industriales no las pueden evitar. Resultan ser un destino inevitable.”

⁷ “[...] que viven y prosperan de la creación continua de ciencias y tecnologías, en retroalimentación mutua y, mediante ellas, de la creación de nuevos productos y servicios. Son sociedades de innovación y cambio, a ritmo progresivamente acelerado. [...] Estas sociedades creativas e innovadoras no son sociedades homogéneas, sino que estallan en diversidad. La creatividad genera diversidad; la homogeneidad solo se consigue por la imposición y la coerción.”



Quando é apresentada a afirmação de que agora os próprios sujeitos são os construtores de sua *casa*, é necessário que se questione sobre quem a construiu antes. A resposta é simples: a religião. Para Marià Corbí, “as religiões são as formas sagradas pré-industriais, que se expressam em programas mítico-simbólicos próprios de sociedades estáticas” (Corbí, 2010, p. 168). Por mais que o epistemólogo não tenha pretensões de ampliar as discussões relativas à religião em si, afirma que “a grande maioria dos jovens não quer saber nada de religião. Para eles, a religião nem sequer é um problema. Nem a consideram nem a combatem, pois para os jovens, a religião é só coisa de tempos passados e de gerações passadas” (Corbí, 2010, p. 15). Sobre essa afirmação, o que se vê é uma crescente no país com relação ao número de pessoas que se autodenominam como sendo sem religião.

Sendo esse sistema da religião como uma roupa de infância que não cabe mais, os sujeitos estão desnudos diante a uma nova realidade. A crise da qual os sujeitos são reféns e produtores parte da inaptidão das religiões, e também das ciências – pilar das sociedades do conhecimento – em construir *Projetos Axiológicos Coletivos* adequados para a sociedade do conhecimento. É preciso dizer que essa crise não atinge somente o grupo dos sem religião, todavia, dadas as suas características, nota-se que eles são os mais suscetíveis a refletir sobre tal.

O que se observa, portanto, é a busca por algo que preencha os sujeitos enquanto seres humanos, contudo, que esteja desvinculada das instituições religiosas. Tem-se, portanto, nessa transição para sociedades do conhecimento, a busca por formas de *espiritualidades* não religiosas, o que Marià Corbí denomina como *Qualidade Humana Profunda*. E essa busca pode partir por diversos caminhos, sendo um deles a arte. Um dos destaques dentro de toda a construção de Marià Corbí é a sua ênfase na criatividade, que pode ser compreendida como o núcleo das sociedades do conhecimento contemporâneas, não sendo possível sem o exercício da liberdade e exigindo a aptidão *IDS-ICS*.

Marià Corbí (2020) propõe, em contraponto ao *Projeto Axiológico Coletivo* contido nas sociedades estáticas que envolvia relações de hierarquia, imposição e submissão, a criação de um *Projeto Axiológico Coletivo* adequado para as sociedades de conhecimento, construído por meio da *Epistemologia Axiológica*. Nessas sociedades, “[...] o projeto axiológico coletivo não é dado nem pela forma de sobrevivência, nem pelos deuses, nem pela própria natureza das coisas, mas deve ser construído por cada



sociedade e deve permanecer aberto a modificações permanentes” (Corbí, 2020, p. 44, tradução nossa⁸). Esse *Projeto Axiológico Coletivo* terá, portanto, o objetivo de propiciar o cultivo da *Qualidade Humana Profunda*.

A *Epistemologia Axiológica*, pertencente às sociedades do conhecimento, é “[...] uma disciplina que deve lidar com todos os fenômenos axiológicos humanos” (Corbí, 2020, p. 323, tradução nossa⁹). A *Epistemologia Axiológica* pode tirar os sujeitos da crise da qual são reféns e produtores na sociedade do conhecimento, justamente por essa preocupação com o axiológico. Não obstante, “a Epistemologia Axiológica (EA) tem uma vocação prática; teoriza unicamente para poder chegar a tratar efetivamente com valores coletivos e individuais, de forma conveniente, em um momento de transições bruscas [...]” (Corbí, 2021, p. 273, tradução nossa¹⁰).

O fato de que a *Epistemologia Axiológica* é uma disciplina cujo objeto já é definido, pode implicar em dúvidas sobre os procedimentos, conteúdos, a metodologia e as formas para fazer emergir as aptidões nos alunos. Para tal, existe então *IDS-ICS*, uma dupla tríade de aptidões onde: o interesse (I), primeiro termo da tríade supracitada, precisa ser desinteressado, desprendido do egocentrismo; o distanciamento (D) evidencia a necessidade de voltar o olhar para si; o silenciamento (S), por sua vez, não é “[...] uma questão de ausência de ruído ou de não pronunciar uma palavra. Trata-se de deixar espaço para uma lucidez atenta, sem a curvatura imposta pelas exigências do ego” (Corbí, 2016, p. 21, tradução nossa¹¹); a indagação (I) urge que haja um interesse por todo o entorno e o costume de indagá-lo; a comunicação (C) que, conforme Marià Corbí,

Para não cair em possíveis confusões há que diferenciar, com toda precisão, a comunicação da informação. A comunicação é sempre qualitativa e axiológica; a informação ainda que tenha que se fazer por meios concretos e em ocasiões qualitativas, não é axiológica. A comunicação transmite valores, que são qualidades, estímulos, e com isso transmite também informação; a informação só transmite informação. A comunicação implica a quem se comunica; a informação não implica axiologicamente aos que compartilham a informação

⁸ “[...] el proyecto axiológico colectivo no viene dado por ni por la forma de supervivencia, ni por los dioses, ni por la naturaleza misma de las cosas, sino que debe ser construido por cada sociedad y debe permanecer abierto a una modificación permanente.”

⁹ “[...] una disciplina que debe ocuparse de todos los fenómenos axiológicos humanos.”

¹⁰ “la Epistemología Axiológica (EA) tiene una vocación práctica; teoriza únicamente para poder llegar a tratar eficazmente los valores colectivos e individuales, de forma conveniente, en una época transiciones bruscas [...]”

¹¹ “[...] una ausencia de ruidos ni de no pronunciar palabra. Se trata de dejar espacio a una lucidez atenta, sin la curvatura que imponen las exigencias del yo.”



(Corbí, 2020, p. 88, tradução nossa¹²).

E, por fim, serviço (S), que implica que todo o serviço prestado na sociedade não deverá ter como eixo estruturante o egocentrismo ou legitimação de uma verdade imposta. Tampouco deverá ser prestado em detrimento de necessidade pessoais, do progresso científico, do capitalismo ou em nome de um utilitarismo imediato. O serviço deverá fazer emergir o axiológico.

2. A arte nas sociedades do conhecimento contemporâneas

Tendo em vista que é por meio da criatividade que a arte se faz possível, faz-se necessário averiguar em como essa se comporta dentro das sociedades do conhecimento, que se caracteriza justamente por serem criativas.

Marià Corbí afirma que “a arte é expressão do sentir profundo humano frente ao real, [...]” (Corbí, 2021, 247, tradução nossa¹³). Por estar aqui citando sobre o real, é necessário que se trace breves linhas a respeito da *Dimensão Absoluta* e a *Dimensão Relativa*. Nos escritos do pesquisador, a língua é um ponto de destaque e “sem a língua não existiria para os humanos nem o mundo, nem a objetividade, nem o significado, nem as noções gerais, nem o valor, nem o sentido, nem a beleza, nem a espiritualidade, nem existiriam como tais a dimensão relativa da realidade e a dimensão absoluta” (Corbí, 2020, p. 85, tradução nossa¹⁴). Para o epistemólogo “[...] não somos um composto de corpo e espírito, nem somos um composto de animal e racionalidade, somos animais constituídos como tal pela língua [...]” (Corbí, 2020. p. 84, tradução nossa¹⁵). A língua proporciona uma bifurcação que propicia o contato com a *Dimensão Absoluta* e *Dimensão Relativa*, que são justamente as bases para a criação de um *Projeto Axiológico*

¹² “Para no caer en posibles confusiones hay que diferenciar, con toda precisión, la comunicación de la información. La comunicación es siempre cualitativa y axiológica; la información, aunque tiene que hacerse por medios concretos y en ocasiones cualitativos, no es Axiológica. La comunicación transmite valores, que son cualidades, estimulaciones, y con ello transmite también información; la información solo transmite información. La comunicación implica a quienes se comunican; la información no implica Axiológicamente a los que comparten la información.”

¹³ “el arte es expresión del sentir profundo humano frente a lo real, [...]”

¹⁴ “sin la lengua no existiría para los humanos ni el mundo, ni la objetividad, ni el significado, ni las nociones generales, ni el valor, ni el sentido, ni la belleza, ni la espiritualidad, ni existirían como tales la dimensión relativa de la realidad y la dimensión absoluta.”

¹⁵ “[...] no somos ni un compuesto de cuerpo y espíritu, que tampoco somos un compuesto de animal y racionalidad, somos unos animales constituidos como tales por la lengua [...]”



Coletivo adequado para as sociedades de conhecimento. Como afirma Marià Corbí,

[...] a língua nos proporciona um acesso bifurcado ao real. Um elemento dessa bifurcação é a modelação da realidade a medida de nossas necessidades e a medida de nosso cérebro, nosso aparato sensitivo e ativo; o outro elemento da bifurcação é nos fornecer notícias do real que devemos modelar, o que é anterior a toda modelação [...] (Corbí, 2020, p. 191, tradução nossa¹⁶).

O acesso bifurcado evidencia o encontro da *Dimensão Relativa* e da *Dimensão Absoluta* e, por mais que sejam assim nomeadas de forma separada,

Na realidade, eles são uma unidade. Eles são todo o equipamento do ser vivo para se relacionar com o meio ambiente, para poder satisfazer suas necessidades e para sobreviver. Eles são o conjunto de nossos equipamentos como seres vivos, a fim de ter no ambiente uma realidade adequada à estrutura de nossas necessidades. Elas formam uma unidade indissolúvel porque o funcionamento de qualquer uma dessas faculdades pressupõe o funcionamento das demais. Nenhum deles pode funcionar isoladamente, de forma autônoma. Essas faculdades são também o equipamento geral do ser vivo para moldar o ambiente e se relacionar com ele (Corbí, 2020, p. 121, tradução nossa¹⁷).

Se os sujeitos fossem uma moeda, *Dimensão Relativa* e *Dimensão Absoluta* seriam sua cara e coroa. Marià Corbí (2020) afirma que a *Dimensão Relativa* é a modelação que os seres humanos fazem do *real*, tendo como princípio a satisfação de seu egocentrismo e aplacar os seus desejos. Por meio dessa modelação significam os objetos ou pessoas, por um viés utilitário. Por sua vez, a *Dimensão Absoluta* é justamente independente do egocentrismo. Vale ressaltar que esse aspecto *absoluto* deve ser compreendido no sentido etimologicamente ‘*solta de*’. Por mais absoluta que seja, não é algo que envolva uma forma de mistério transcendente ou que foi criado por um ser divino. Nada é dado, nem a *Dimensão Absoluta*.

Sem a língua, as diversas formas de arte também não seriam possíveis. Em sua construção, Marià Corbí (2021) faz uma divisão onde afirma que a língua pode ser axiológica, abstrata e abstrata-axiológica. Ao passo que a arte se caracteriza em uma

¹⁶ “[...] la lengua nos proporciona un acceso bifurcado a lo real. Un elemento de esa bifurcación es la modelación de la realidad a la medida de nuestras necesidades y a la medida de nuestro cerebro, nuestro aparato sensitivo y activo; el otro elemento de la bifurcación es proporcionarnos una noticia de eso real que debemos modelar, que es anterior a toda modelación [...]”

¹⁷ “[...] en realidad son una unidad. Son el conjunto del equipo del viviente para relacionarse con el medio, poder satisfacer sus necesidades y sobrevivir. Son el conjunto de nuestro equipo como vivientes para disponer en el medio de una realidad adecuada al cuadro de nuestras necesidades. Forman una unidad indisoluble porque el funcionamiento de cualquiera de esas facultades supone el funcionamiento del resto. Ninguna de ellas puede funcionar aislada, autónoma. Esas facultades son también el equipo global del viviente para modelar el medio y relacionarse con él.”



língua abstrata, ela também é, por essência, axiológica, uma vez que é sensitiva, qualitativa e simbiótica. Nesse sentido, Marià Corbí afirma que

O axiológico deve ser e é qualitativo e concreto. Portanto, para construir sistemas axiológicos, é necessário poder contar com uma formalidade do concreto, da qualidade, do axiológico que é diferente da lógica das ciências. Este tipo de formalidade já é utilizado pelas artes. Com razões e abstrações, não podem ser feitas obras artísticas, nem podem ser criados sistemas de valores. A beleza e os valores são sensíveis demais para serem construídos com raciocínio. As artes e os sistemas axiológicos podem incluir a necessidade de raciocínio, mas eles não são construídos com motivos (Corbí, 2013, p. 46-47, tradução nossa¹⁸).

Perpassada pelo axiológico, arte, para Marià Corbí (2021), é a mais pura expressão da absoluta gratuidade da vida humana e de tudo o que existe.

As artes não cantam a beleza do real, mas da realidade modelada pelo ser humano, do que é modelado pelos sentidos e pelo cérebro humano, do que é modelado por nossa linguagem e sua estrutura, e de tudo isso organizado e orientado para a depredação. Entretanto, as artes, embora tenham consequências práticas para a sensibilidade e, através dela, para uma maior qualidade de sobrevivência individual e coletiva, não têm nenhuma reivindicação direta de desempenho ou utilidade. [...] As artes cantam a construção da vida humana e cantam os construtores (Corbí, 2020, p. 111, tradução nossa¹⁹).

Marià Corbí aponta para o fato de que a arte é uma possibilidade para que os sujeitos se coloquem a caminho do cultivo da *Qualidade Humana Profunda*. O pesquisador afirma que, “as artes, as ciências, as mudanças culturais radicais, as religiões como fenômenos históricos, as espiritualidades, não nascem de postular essa dimensão senão de partir dela como condição de possibilidade imprescindível” (Corbí, 2020, p. 198, tradução nossa²⁰). A arte não cria a *Dimensão Absoluta*, mas possibilita o encontro com

¹⁸ “Lo axiológico tiene que ser y es cualitativo y concreto. Por consiguiente, para construir sistemas axiológicos hay que poder contar con una formalidad de lo concreto, de lo cualitativo, de lo axiológico diferente de la lógica de las ciencias. Ese tipo de formalidad es la que ya usan las artes. Con razones y abstracciones ni se pueden hacer obras artísticas, ni se pueden crear sistemas de valores. La belleza y los valores son demasiado sensitivos para poderlos construir con razonamientos. Artes y sistemas axiológicos pueden incluir la necesidad de razonamientos, pero no se construyen con razones.”

¹⁹ “Las artes no cantan la belleza de lo real, sino de la realidad modelada por el ser humano, de lo modelado por los sentidos y por el cerebro humano, de lo modelado por nuestra lengua y su estructura, y todo ello organizado y orientado a la depredación. Sin embargo, las artes, aunque tienen consecuencias prácticas para la sensibilidad y, a través de ella, para una supervivencia individual y colectiva de más calidad, no tienen ninguna pretensión directa en la actuación ni en la utilidad. [...] Las artes cantan la construcción de los vivientes humanos y cantan a los constructores.”

²⁰ “las artes, las ciencias, los cambios culturales radicales, las religiones como fenómenos históricos, las espiritualidades, no nacen de postular esa dimensión sino de partir de ella como condición de posibilidad imprescindible.”



ela. Dessa forma, nas sociedades do conhecimento, as artes

[...] têm uma função central, que é a de fomentar e cultivar o DA a fim de gerar, manter e cultivar a CH e CHP nos coletivos. As artes são essenciais para o bom funcionamento da SC. A arte como forma de cultivar o DA é o fundamento da SC. A arte aumenta o amor pela realidade, leva a admirar, venerar e amar tudo o que é real, a respeitá-lo e a cuidar dele (Corbí, 2021, p. 248, tradução nossa²¹).

De acordo com Marià Corbí,

A arte cria QH e fomenta a QHP, porque ela tematiza e cultiva a DA e porque favorece o sentir, a interação e a integração das duas dimensões da realidade para os humanos, a dimensão absoluta e a dimensão relativa à realidade. Nas SC deverão ser intensificados o cultivo da arte, porque QH e QHP são indispensáveis para as equipes criativas em SC. Os dois responsáveis pela QH e pela QHP nas SC são o cultivo explícito do DA e das artes (Corbí, 2021, p. 248, tradução nossa²²)²³

Marià Corbí afirma que “as artes são uma mostra clara de que temos duplo acesso ao real. Eles tentam colocar em formas a dimensão absoluta de todo o real, o aspecto de todas as realidades que é inútil. Todas as artes fazem isso, cada uma à sua maneira (Corbí, 2020, p. 195, tradução nossa²⁴). O termo *eles* dessa citação se refere aos artistas. Não obstante, o pesquisador ainda afirma que

A arte, para que possa chegar à criação, há de que passar pelo que significa ids-ics. Também é um interesse total pela beleza de tudo o real, que exige distanciamento de si e dos seus interesses e silenciamento de todos os critérios do que é considerado belo ou não belo. Nessa atitude, se indaga a beleza e se indaga comunicando-a, isso é a obra de arte, para servir a quem recebe a obra, embora esse serviço não seja formulado de forma alguma (Corbí, 2020, p. 213, tradução nossa²⁵).

²¹ “[...] ejercen una función central que es fomentar, cultivar la DA para generar, mantener y llevar al crecimiento la CH y la CHP en los colectivos. Las artes son imprescindibles para el buen funcionamiento de las SC. El arte como una forma del cultivo de la DA es el fundamento de las SC. El arte acrecienta el amor a la realidad, lleva a admirar, venerar y amar a todo lo real, a respetarlo y a cuidarlo.”

²² “El arte es creadora de CH y fomentadora de la CHP, porque tematiza y cultiva la DA y porque favorece en el sentir, la interacción y la integración de las dos dimensiones de la realidad para los humanos, la dimensión absoluta y la dimensión relativa respecto a la realidad. En las SC deberá intensificarse el cultivo del arte, porque la CH y la CHP son imprescindible para los equipos creativos de las SC. Los dos responsables de la CH y de la CHP en las SC son el cultivo explícito de la DA y las artes.”

²³ As abreviações significam, em ordem: Qualidade Humana, Qualidade Humana Profunda, Dimensão Absoluta, Sociedades do Conhecimento.

²⁴ “las artes son una muestra clara de que tenemos un doble acceso a lo real. Intentan poner en formas la dimensión absoluta de todo lo real, el aspecto de todas las realidades que no sirve para nada. Todas las artes hacen eso, cada una a su manera.”

²⁵ “El arte, para que pueda llegar a la creación, ha de pasar por lo que significa ids-ics. También es interés total por la belleza de todo lo real, que exige distanciamento de sí mismo y sus intereses y silenciamento de todos los criterios de lo que se considera bello o no bello. En esta actitud se indaga la belleza y se indaga



Para possibilitar o cultivo da *Qualidade Humana Profunda*, é preciso que haja a presença da dupla tríade de aptidões, denominada *IDS-ICS*. A arte, para que possa ser criada, também está em relação com essa dupla tríade. É notável que a arte implica ser um caminho rumo à liberdade, envolvendo formas de criatividade e diversidade, dessa forma, não pode estar enclausurada em ambientes que não permitam a passagem de qualquer ser humano. Ademais, pensando nos artistas, para que possam criar, é preciso que se esvaziem de si. O mesmo esvaziamento necessário para se chegar ao cultivo da *Qualidade Humana Profunda*. Ao passo que, para se fazer ou apreciar arte é preciso esse esvaziamento, ele propicia a criação de obras artísticas. Não obstante, “a arte pode falar do DA livre de religião e de toda submissão, ela pode praticar a indagação livre de sentimentos profundos, sem pagar um pedágio a ninguém ou nada” (Corbí, 2021, p. 249, tradução nossa²⁶). A arte deve se desinstitucionalizar.

A arte, que toca o axiológico, em suma, “traz ao mundo de formas perceptíveis aquilo que é imensurável, imenso e escondido por sua sutileza. A arte é um mistério insondável, o próprio mistério do DA do real. Ela leva além do sentido da vida” (Corbí, 2021, p. 249, tradução nossa²⁷). Como afirma Marià Corbí (2021), as artes, tais quais pintura, escultura, música, têm potencial para chegar na *Dimensão Absoluta* a partir do momento em que possuem capacidade de manejar amor, raiva, ódio, desprezo e orgulho. Por mais que Marià Corbí cite, ao longo de toda sua construção, sobre a poesia, a música e a literatura, o ponto principal desse artigo versa sobre a prática cinéfila, possibilitada pelo cinema. Assim sendo, antes de ampliar sobre essa prática, é preciso que faça uma exposição sobre a, denominada por Ricciotto Canudo, sétima *arte*.

3. Prática Cinéfila e Marià Corbí – um grupo focal

Com vistas a dar um salto nas tendências percebidas em se realizar quase que exclusivamente pesquisas bibliográficas na área de Ciências da Religião e Teologia, foi escolhida uma abordagem empírica para coleta de dados. O critério de inclusão dos

comunicándola, eso es la obra de arte, para servir a los que reciben la obra, aunque no se formule en absoluto ese servicio.”

²⁶ “el arte puede hablar de la DA libre ya de la religión y de toda sumisión, puede practicar la indagación libre desde el sentir profundo, sin pagar peaje a nada ni nadie.”

²⁷ “trae al mundo de las formas perceptibles lo que es inconmensurable, inmenso y oculto por su sutilidad. El arte es un misterio insondable, el misterio mismo de la DA de lo real. Lleva más allá del sentido de la vida.”



sujeitos da pesquisa – constituintes do grupo focal – versou sobre o fato de que eles se compreendiam como quem tinha uma prática cinéfila. Sendo esse grupo a fonte primária de coleta de dados sobre a prática cinéfila “[...] faz sentido convocá-los para facilitar comparações, ao garantir que os membros do grupo compartilhem pelo menos uma característica importante” (Barbour, 2009. p. 87). Dada essa afirmação, o grupo que foi escolhido continha quatro participantes que se denominavam como tendo prática cinéfila. Era, inicialmente, composto por três homens e uma mulher, na faixa etária de 20 a 30 anos. Todavia, apenas os três homens aceitaram participar, sendo dois deles residentes no Brasil e um residente no México. Em sua prática, o grupo selecionava obras cinematográficas, a assistiam e discutiam, por videoconferência, sobre suas percepções. Durante alguns momentos do grupo focal, os sujeitos citaram a convidada que não respondeu ao convite para participar, portanto, para fins de privacidade, o nome verdadeiro dela foi substituído por um fictício, sendo chamada de Miranda. Os demais sujeitos concordaram em ter seus nomes verdadeiros utilizados.

Os dados aqui expostos foram obtidos por meio de uma reunião realizada por meio da plataforma do *Google Meet* e o tempo de duração foi acordado com o grupo. A distância entre o contato inicial, em abril, e a realização, julho, se deu pelo fato de que, como os sujeitos são professores, o grupo focal não poderia ocorrer no período letivo, pois isso poderia afetar seu trabalho e rotina. O roteiro inicial contava com pontos-chave que deveriam ser tratados ao longo da realização do grupo focal. A partir de temas geradores, foram elaboradas 12 perguntas que, dada a flexibilidade que essa técnica de coletas de dados permite, foi transformada em 18 perguntas. Entretanto, dado o objetivo desse artigo, serão apresentadas apenas 6.

A primeira questão versou sobre a temática inicial deste artigo, voltando-se para a questão da auto denominação religiosa.

Tabela 1 – Dados relativos à autodenominação religiosa do grupo focal pesquisado.

Autora	1 - Com relação a religião/crença, como você se autodeclara?
Caleb	Deísta, se é que isso existe.
Victor	Sou agnóstico.
Alan	Me declaro cristão católico.

Fonte: Elaborado pela autora.



O grupo focal pesquisado se apresentou diverso com relação ao aspecto da religião. O censo realizado pelo IBGE, dentro da categoria dos sem religião, apresenta a os ateus, os agnósticos e os sem religião. A nível acadêmico, compreende-se como sem religião com crença – aqueles que acreditam em algo a nível teológico ou não – e sem religião sem crença. Por meio dos dados coletados foi possível perceber que, a nível do censo, Victor se enquadraria na categoria dos sem-religião, Caleb seria enquadrado na categoria *outras religiosidades* e Alan na categoria dos católicos.

Algumas questões tiveram como intuito investigar a presença ou não do caráter simbiótico proporcionado pela língua, como afirma Marià Corbí, bem como questões relativas à *Dimensão Relativa*, *Dimensão Absoluta*, *IDS-ICS* e sobre arte.

Tabela 2 – Dados relativos à formação do grupo.

Autora	2 - Como surgiu a ideia desse grupo para discussão dos filmes?
Caleb	Na época da pandemia o Victor... A gente sempre tinha vontade de assistir alguns filmes considerados clássicos. Só que, às vezes, você não tinha animação de parar uma hora e pegar os filmes pra assistir. Aí o Victor, uma vez, me mandou mensagem, na época da pandemia, que a gente tava com mais tempo, ficando mais em casa. Era pra gente meio que se obrigar a assistir esses filmes, porque juntos a gente poderia assistir e de certa forma ser obrigado a assistir. Ele me mandou mensagem falando a ideia e aí eu chamei o Alan pra fazer o grupo e eles aceitaram.
Victor	Foi isso mesmo. Muito da minha parte porque eu nunca gostei desses filmes chamados <i>cults</i> né? Eu sempre odiei. Dos poucos que eu assisti, sempre achei muito chato e muito cansativo. Só que, em grupo, igual o Caleb falou, a gente meio que se obriga a ver ele. O objetivo principal aqui, pra mim, mas acho que compartilho com todo mundo isso, era meio que fazer uma volta em torno de como se deu essa história do cinema, pegando, por exemplo, filmes clássicos que mudaram determinada visão sobre a cinematografia, sobre cores, sobre como se filmar, sobre como fazer o enredo de filme. Aí, no início, sempre foram os classicozão assim, mas, conforme foi passando o tempo, a gente foi pegando outros filmes e coisas um pouco mais específicas.
Alan	Acrescentaria, no mais, que começamos com isso, com essa perspectiva de conhecer. Eu já gostava de ver filmes, e particularmente não tenho nenhuma restrição de ver filmes. Eu gosto de ver filmes mais comerciais, desde aqueles de Marvel e essas coisas a filmes mais <i>cults</i> , ou seja, é um lugar de grande liberdade. É uma coisa que a gente teve no grupo já. Depois que a gente passou a ver esses filmes cults, isso que falou o Victor, foi que a gente começou a indicar filmes assim, mais gerais pra ver. Isso foi muito interessante porque a gente tinha uma grande liberdade para comentar e para sugerir filmes.

Fonte: Elaborado pela autora.

O cinema carrega consigo uma dupla nuance: é forma de comunicação e é arte. O cinema se caracteriza como uma

“[...] arte performática acontece em tempo real; a arte representacional depende de códigos pré-estabelecidos e convenções linguísticas (tanto pictóricas como literárias) para a informação atingir o observador; e as artes gravadas, que fornecem um caminho mais direto entre o sujeito e o observador, sendo qualitativamente



mais direta que a mídia das artes representacionais. (Barbosa; Junior; Souza. 2023, p.217)

Essa “hibridização entre arte e indústria contribuiu para que diferentes espectadores, igualmente amantes de filmes, se relacionassem de forma distinta com o espetáculo da sala escura” (Ofemann, 2017, p. 8). Com relação ao cinema, por meio dos dados coletados nessa questão, apresenta-se uma dualidade: filme *cult* x filme comercial. Essa dualidade, por sua vez, se desemboca em outra: arte x indústria. Sobre filmes considerados cult, Talita de Siqueira Marçal afirma que,

Gera-se confusão. Isso ocorre porque cult não diz respeito a um gênero específico. Pelo contrário, ele engloba um cardápio bastante variado. Sendo assim, não há elementos formais nem temáticos que, por si só, façam com que um filme seja percebido como cult no momento em que é assistido. Não há uma “essência” capaz de elucidar, quase instintivamente, a percepção de cult (Marçal, 2007, p. 8).

Já sobre os considerados filmes comerciais, Rafael José Oliveira Ofemann afirma que,

A indústria hollywoodiana alicerçou sua influência e hegemonia produzindo espectadores receptivos a suas produções. No entanto, o cinema comercial não é exclusividade das produções estadunidenses, assim como filmes autorais também não são produzidos exclusivamente na Europa. Filmes de todos os tipos são realizados por todo o mundo, mesmo antes da intensificação da presença de aparatos tecnológicos decorrente da globalização (Ofemann, 2017, p. 24).

Pela ótica tecnicista e de um positivismo científico, tipicamente europeu, os filmes surgidos anteriormente ao *local cinema*, no seu *início*, perpassaram pelo campo industrial. Essa dualidade no que diz respeito aos filmes lançou suas teias desde sempre. Não obstante, o senso comum costuma compreender os filmes *cults* como sendo aqueles considerados de baixo orçamento – em comparação com os números gastos pelos estúdios de Hollywood²⁸ –, que contam com atores pouco conhecidos e que trazem significativas reflexões por trás de sua história. A esses seria destinado a categoria *arte*. Os filmes comerciais, por sua vez, são compreendidos como aqueles feitos por uma indústria que visa o lucro de grandes bilheterias, trazendo histórias mais fáceis de serem assimiladas pelo público geral e contando com grandes orçamentos. A esses seria destinado a categoria de *comercial*. Essa forma de classificação de filmes exprime uma forma de

²⁸ Os números relativos aos lucros desses grandes estúdios podem ser vistos no site da Forbes. Disponível em: <<https://forbes.com.br/listas/2015/05/6-maiores-estudios-de-hollywood/>>.



hierarquia mesmo dentro da arte. Não é de estranhar que a concepção antropológica que enxergava os seres humanos por meio de uma dualidade, tipicamente das sociedades estáticas, tenha lançado suas teias por todos os âmbitos possíveis. Todavia, nas sociedades do conhecimento, para que essa se mantenha como tal, é preciso eliminar todos os traços essencialmente da *Epistemologia Mítica*. Nesse sentido, a própria prática de perceber o cinema refém de uma dualidade pode se apresentar como um problema para que ele seja uma possibilidade para se alcançar o cultivo da *Qualidade Humana Profunda*.

Não obstante, na prática desse grupo, surgida no contexto da pandemia, tendo a iniciativa do sujeito Victor, a partir desse conjunto de respostas, foi possível encontrar traços que evidenciaram um caráter simbiótico do grupo. Por mais que partissem de uma ideia de um cinema dual, que apresenta uma problemática, quando se tem a construção de Marià Corbí como norte, o objetivo em comum em fazer emergir o contexto da linguagem cinematográfica apresentou a possibilidades trazidas pela língua, tendo a construção de Marià Corbí como parâmetro. A formação desse grupo ressalta o caráter simbiótico dos seres, bem como a simbiose propiciada pela arte. Nas sociedades do conhecimento, os grupos devem contemplar sujeitos de saberes variados. Haja visto que um dos pontos aglutinadores para a formação do grupo estudados foi o fato dos componentes cursarem a mesma formação acadêmica – História – surgiu a questão da restrição ou não de outras participações.

Tabela 3 – Dados relativos à restrição ou não do grupo.

Autora	3 - Pelo menos se mantém a prática, mesmo que de ano em ano. Esse grupo de vocês era restrito, só vocês 4, ou qualquer pessoa que ficasse sabendo e quisesse participar tinha essa possibilidade? Era restrito ou era aberto?
Victor	Eu acho que não necessariamente ele é restrito, mas era um grupo de amigos e... pra ser bem sincero, eu acho que ninguém nunca teve interesse de participar fora. Por mais que a gente comentasse com os outros, ninguém teve muito interesse. Porque o objetivo inicial era um grupo de amigos que ia discutir sobre filmes, não necessariamente era uma questão voltada pra gente produzir algo no futuro, a gente não teve esse objetivo de ser algum... de algum produto que vá sair disso aqui. Realmente era só nós discutindo, rindo juntos, brincando sobre as coisas. Achamos coisas que tínhamos interesse entre nós, por sermos de história a gente tinha meio que um pensamento, uma metodologia de entendimento sobre as coisas muito parecidas, não iguais, mas parecidas.



Caleb	E não é que a gente não gostasse de ver filmes clássicos, é que a gente gostava de ver alguns filmes clássicos, não todos os filmes clássicos. Então, tipo assim, o assunto sobre cinema e filmes era algo assim, comum, inclusive antes da pandemia. Nos encontros presenciais, a gente sempre comentava sobre os filmes bons e sempre sobre os filmes ruins que a gente via também né. Então foi uma forma de realmente expandir o número de filmes que a gente assistia. Então já era um assunto comum entre a gente, já era algo que todo mundo gostava, tanto é o fato de eu chamar o Alan e a Miranda, exatamente por causa disso, que eu já sabia que eles eram pessoas que gostavam muito de assistir filmes, tinham tanto interesse quanto eu.
Victor	E uma coisa interessante disso tudo também foi a diversidade de determinados aspectos de gosto de filmes, por exemplo, meu gosto de filme é muito específico e totalmente divergente deles, é mais parecido um pouco com o da Miranda. Eu gosto de filmes de batalha medieval, dragão, magia, coisas que normalmente tem em literatura. O Calebe não suporta. A Miranda gosta um pouco, mas tem outro foco. O Alan também. Não necessariamente ele é igual a mim, o Alan eu acho que é o mais diverso aqui. Ele gosta de quase tudo.
Caleb	Verdade! O Victor me obrigou a assistir <i>Senhor do Anéis</i> .
Victor	Obrigaria de novo! Os 3!
Alan	Seria mais isso assim... o grupo... eu não senti o grupo restrito, eu realmente sentia como um grupo de amigos. A gente não encontrou outras pessoas e a gente tem outros amigos que a gente poderia ter convidado, mas que talvez não entraria na mesma sintonia de filmes. Ou seja, não era restrito por isso, porque era um grupo de amigos que a gente encontrou uma sintonia nessa questão e a gente se encontrava. A restrição talvez se possa ver pelo lado da amizade.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quando Calebe, se referindo a escolha de filme de Victor, disse que foi *obrigado* a assistir, não usou o termo em sinonímia com coerção, senão em tom de brincadeira, algo que pareceu ser comum na relação de ambos. Todos os componentes do grupo assistiram ao filme, mesmo que não fosse de sua preferência por estarem comprometidos e desnudos de suas vontades pessoais. Essa dinâmica, por sua vez, não tem relação com os traços de submissão típicos das sociedades estáticas. Nesse momento é possível voltar-se a um substantivo de fundamental importância em toda a análise: *amizade*. Foi possível uma análise pela perspectiva da *Qualidade Humana*, nos termos de Marià Corbí. Para o pesquisador,

A qualidade humana (CH) tem de ser cultivada nos próprios locais de trabalho onde ganhamos a vida, na família, entre amigos, e assim por diante. Por outras palavras, no coração da nossa vida quotidiana e das suas várias ocupações. O cultivo de CH não requer organizações especiais (Corbí, 2021, p. 68, tradução nossa²⁹).

²⁹ “La cualidad humana (CH) ha de cultivarse en los mismos lugares de trabajo con los que nos ganamos la vida, en la familia, entre los amigos, etc. Es decir, en el seno de nuestra vida cotidiana y de sus diversas ocupaciones. El cultivo de la CH no requiere de organizaciones especiales.”



O que se observou nesse grupo foi um cultivo de *Qualidade Humana Profunda* pelas trilhas da amizade. Nesse contexto, “uma vez que toda a realidade relativa às nossas necessidades é a DA, tudo reside na amizade, na compaixão, porque tudo tem a mesma realidade vazia de toda a objetificação possível; todo o resto é ignorância e as suas consequências” (Corbí, 2021, p. 262, tradução nossa³⁰). A *Dimensão Absoluta*, permite o encontro com a *Qualidade Humana Profunda*. O interesse do grupo, a princípio, poderia parecer ser assistir e discutir sobre filmes, todavia, o interesse era manter uma relação entre amigos. Em consonância com Marià Corbí,

A alma da amizade é uma comunicação de plena confiança e ajuda mútua, fruto dessa comunicação. A comunicação sem reservas baseia-se na compreensão e aceitação mútuas. A amizade anula as hierarquias e é completamente horizontal. Não pode ser imposta, é completamente voluntária. A amizade iguala sentimentos recíprocos, mas admite diferenças de pensamento (Corbí, 2021, p. 225, tradução nossa³¹).

Para toda essa dinâmica, foi preciso que se distanciassem das próprias predileções cinematográficas e se voltassem para as recomendações dos outros sujeitos. Quando o sujeito Victor reforça que os componentes tinham uma visão parecidas das coisas, não igual, mas parecida, deixa implícito que foi preciso uma forma de silenciamento para que todos pudessem dialogar, se compreender e se respeitar. A amizade, em Marià Corbí, “[...] não se baseia na psicologia dos amigos, ela não atende às virtudes e defeitos dos amigos. Baseia-se na compreensão, respeito, reconhecimento da dignidade absoluta do outro, baseia-se em sentir o outro como o mistério do mundo próximo e querido; este sentimento não tem de ser explícito” (Corbí, 2021, p. 226, tradução nossa³²). A amizade é um agente ativo no manejo do axiológico humano e, nesse grupo, foi possível perceber que ela acompanha essa afirmação. As indagações eram geradas por meio das inquietações que emergiram após os filmes que, por vezes, geravam reflexões sobre as vidas pessoais de cada um. A comunicação, fundamental para a amizade, ocorria na troca

³⁰ “puesto que toda realidad relativa a nuestras necesidades es la DA, todo mora en la amistad, en la compasión, porque todo tiene la misma realidad vacía de toda posible objetivación; todo el resto es la ignorancia y sus consecuencias.”

³¹ “El alma de la amistad es la comunicación plenamente confiada y la ayuda mutua, fruto de esa comunicación. La comunicación sin reservas se basa en la comprensión y aceptación mutua. La amistad anula las jerarquías y es por completo horizontal. No se puede imponer, es completamente voluntaria. La amistad iguala los sentimientos recíprocos, pero admite las diferencias en el pensamiento.”

³² “[...] no se basa en la psicología de los amigos, no atiende a las virtudes y los defectos de los amigos. Se basa en la comprensión, el respeto, reconocimiento de la dignidad absoluta del otro, se basa en el sentir al otro como el misterio de los mundos próximo y querido; no es preciso que ese sentir sea explícito.”



e debate sobre os resultados encontrados por meio das pesquisas feitas para fomentar as discussões.

Marià Corbí (2020) afirma que os sujeitos, nesse contexto descrito pelo pesquisador, são reféns e produtores de uma crise por terem perdido suas bases axiológicas com o avanço das ciências que, por sua vez, buscam eliminar de sua língua qualquer traço deste axiológico. A fim de averiguar essa afirmação no grupo pesquisado, foi necessário elaborar uma questão que tocasse nessas questões.

Tabela 4 – Dados relativos à questão do axiológico na prática do grupo.

Autora	4 - Essa prática de vocês assistirem filmes juntos gerou algum tipo de sentimento em vocês? Se sim, se gerou, quais tipos de sentimentos?
Caleb	Sentimento? Deixa eu pensar... Alegria... sensação de companheirismo também, de que, sei lá... assistir filme pode ser uma questão muito solitária e você ter com quem comentar eu acho que é muito importante pra sua percepção do filme, porque cada um tem uma percepção e nota determinados detalhes. E aí, conversando com outra pessoa, você consegue chegar em detalhes que, às vezes, você não percebeu. E também instiga a gente a procurar mais coisas, a pesquisar sobre o filme pra ter mais detalhes pra poder falar, pra poder contar curiosidades, principalmente por se tratar da época da pandemia né? Quando ficou difícil de manter as amizades, até porque cada um foi pra um lado. Todo mundo mora em cidades diferentes atualmente. Então foi muito importante para manter junto essa amizade. Pelo menos a gente tinha um assunto em comum com o que comentar. Eu acho que foi bastante importante isso. Mas sentimento é uma palavra difícil...
Alan	Eu me sentia... desde o começo eu me senti muito feliz e sentia muita confiança por estar com amigos, por compartilhar de um gosto que era pessoal mas que também era deles e ir descobrindo com eles esse gosto. E, no meu caso particularmente, me ajudou muito nos primeiros meses que eu cheguei aqui porque cheguei na pandemia, em outro país e tinha dias que eu já não aguentava falar espanhol e falar português me salvava muito quando eu encontrava com eles. Ou seja, também foi um... eu acredito que teve... no meu processo aqui, nos primeiros meses, me ajudou como um processo <i>terapêutico</i> , como estar com amigos e conversar na minha língua e conversar coisas que eu gosto.
Victor	Outra coisa também é que, provavelmente, durante boa parte desses meses que foi o período mais tenso da pandemia, era o único contato fora da minha casa que eu tinha com outras pessoas. Isso também é uma questão até de convivência social, porque, naquele momento, a gente não poderia sair de casa e todos nós estávamos no último período da faculdade, então a gente tava meio que atolado com as diversas coisas. Se não me engano a gente não tava no último, tava no penúltimo, quando começou. Mas aí foi passando, conforme deu tempo, e era praticamente o nosso único, no meu no caso, era o único convívio que eu tinha com outras pessoas até muitos meses pra frente.
Caleb	Verdade.

Fonte: Elaborado pela autora.

Mais uma vez a questão da manutenção da amizade, em contraste com o ato de apenas ver e discutir sobre filmes, foi evidenciada nas respostas, reforçando o caráter simbiótico do grupo. O axiológico, na perspectiva de Marià Corbí (2020), diz respeito a



valores e sentimentos que são de suma importância para o funcionamento das sociedades do conhecimento. Através das respostas, alguns valores e sentimentos emergiram com mais destaque: alegria, felicidade, união, diálogo, partilha, amizade e convivência. Na resposta do Alan, um ponto chamou a atenção: a questão da língua e sua relação com a cultura. Para esse sujeito, a flexibilidade que a língua permite no momento de adaptação na mudança de um país para outro não foi suficiente e ele precisou do auxílio da amizade do grupo.

No momento da realização do grupo focal, surgiu uma dúvida com relação à perspectiva pessoal de cada componente.

Tabela 5 – Dados relativos à influência do grupo para a prática cinéfila dos sujeitos.

Autora	5 – Na ausência desse grupo de vocês, vocês ainda teriam uma prática cinéfila?
Victor	Não. Comigo não. De novo, voltando, pra mim filme é prazer e se é prazer então não teria graça.
Caleb	Eu acho que sim, porque já era algo que fazia parte da minha vida, mesmo antes né? Eu sempre gostei muito de assistir filmes.
Alan	Eu também, pra mim sim. Como eu falei, acho que falei agora pouco, eu continuo vendo filmes, ainda tenho meu HD de 1 Tera com metade de filmes no HD, porque eu sempre gostei, então pra mim, sim.

Fonte: Elaborado pela autora.

O sujeito Victor foi incisivo ao afirmar que sem esse grupo, a prática cinéfila não existiria em sua vivência, pela perspectiva que ele dá para os filmes. Para os sujeitos Caleb e Alan a prática ainda estaria presente. Entretanto, pude perceber que esse grupo não é essencial para que esses dois sujeitos tenham uma prática cinéfila. O que faz com Caleb, Alan e Victor se mantenham nessa prática, nesse grupo, é a amizade, a relação simbiótica que estabelecem entre si. E é a língua que torna possível essa relação.

Uma das perguntas teve o objetivo de tentar compreender se, e como o grupo focal relacionava a questão da arte com a espiritualidade, ambas temáticas abordadas ao longo deste artigo.

Tabela 6 – Dados relativos à relação entre arte e espiritualidade para o grupo.

Autora	6 – Como vocês relacionariam arte com espiritualidade? Se é que vocês fariam alguma relação.
---------------	--



Caleb	Eu acho que, indo na linha do que eu falei sobre o que eu considero espiritualidade, de... aquele caráter subjetivo do filme, de que você pode pegar um filme que às vezes ninguém gosta, no caso não só do filme, como da arte como um todo e ter um sentimento que você não consegue nem explicar, você gostar, mas você não consegue nem explicar porque você gostou. Você pode assistir aquele filme 3 vezes que você vai gostar e você não consegue nem explicar para as outras pessoas porque aquilo é bom. Ou às vezes você pegar um quadro assim, e parar meia hora em frente dele olhando e aquele quadro te trazer alguma sensação boa, simplesmente porque tem alguma coisa ali que te faz se sentir bem. Você pode tentar explicar aquilo ali do ponto de vista psicológico, do ponto de vista mental, no geral, mas eu acredito que tenha algo que seja realmente inexplicável ali e que te faça ter aquele tipo de sensação. Eu, por muito tempo, acreditei que tudo era uma questão psicológica mesmo, porque eu estava fazendo meus estudos de psicanálise, mas hoje eu cheguei num ponto de que realmente essa abordagem não consegue explicar tudo e que tem algo que é simplesmente inexplicável. E eu acho que a arte e o cinema, entrando como arte nesse momento, também está inserido dentro desse contexto que eu acredito.
Alan	Eu também acredito. A arte tem o seu lugar, como a espiritualidade tem o seu lugar, mas os dois se relacionam muito. E pra mim fica muito nítido a questão da intuição. A intuição artística pra mim parece muito também com a questão da intuição espiritual. Quando artista... eu também gosto muito de teatro e também gosto de poesia e me parece, ou seja, claro que há modos de ser artista, de ser ator, de estudar obviamente, mas não é só a técnica que vai levar o exercício do ator. É claro que há modos de escrever poesia, de estudar como escrever poesia, mas não é só a técnica que vai levar a escrever uma boa poesia, se a intuição artística, talvez como um dom natural e interno da pessoa, não esteja presente. Não é? Do mesmo modo que a espiritualidade né? Ou seja, se a intuição espiritual não estiver presente, ou seja, como alguém pode dizer que tem uma experiência, que percebeu algo sobrenatural segundo a sua própria experiência? E eu acredito sim que se relaciona, a arte e a espiritualidade se relacionam. Eu apontaria basicamente... devem ter outros elementos, mas eu apontaria basicamente esse elemento da intuição, seja a intuição espiritual ou a intuição artística.
Victor	Cara, eu não sei. Minha resposta é essa, eu não sei. A espiritualidade na minha vida não teve parte na minha vida por muito tempo. Então na minha visão pessoal, não sei se isso faria sentido. Porque pra mim a espiritualidade não necessariamente é algo presente em mim, é algo externo que eu vejo nas pessoas, vejo em coisas sempre fora de mim, não sou uma pessoa crente em muita coisa. Não necessariamente eu tenho a certeza de tudo também, então pessoalmente eu não tenho algo a responder. Mas eu acredito, por pensar que as subjetividades são extremamente importantes para todas as ações e percepções que a gente tem do mundo, acredito que sim, muito aliás, mas eu não tenho certeza, porque pra mim, pessoalmente não é algo presente.

Fonte: Elaborado pela autora.

Por meio dos dados coletados nessa questão, mais especificamente na resposta do sujeito Caleb, ficou evidenciado o potencial que a arte, de modo geral, tem para manejar o axiológico, bem como a *espiritualidade*. O sentido desse termo, nessa resposta, caminhou pelas estradas do cultivo da *Qualidade Humana Profunda*. Desse modo, sendo, justamente, o axiológico humano objeto da disciplina *Epistemologia Axiológica*, percebe-se que a arte pode ser um componente curricular dessa disciplina.



Considerações finais

Esse artigo caminhou pelo pressuposto de que os sujeitos das sociedades do conhecimento estão em crise. Ficou evidente, portanto, a importância dos *Projetos Axiológicos Coletivos*, que são as diretrizes para guiar toda a dinâmica de uma sociedade. Se, nas sociedades estáticas – aquelas que permaneceram por muitos anos realizando exclusivamente as mesmas atividades –, esses projetos eram impostos hierarquicamente, nas sociedades do conhecimento esse movimento não poderá se repetir. Logo, precisarão ser construção coletiva, livres de submissão. Nesse sentido, a crise citada emerge da inaptidão das ciências e tecnologias – pilares das sociedades do conhecimento – em auxiliar na construção desses *Projetos Axiológicos Coletivos* justamente pelo fator axiológico, o qual as ciências e tecnologias buscam podar de sua linguagem. O sistema da religião também se revela inapto.

Essa percepção foi possível a partir da compreensão da língua em Marià Corbí, bem como o duplo acesso ao real não dual que ela proporciona. A língua propicia o contato com a *Dimensão Absoluta* e *Dimensão Relativa* – dupla dimensão do real não dual necessária para que os seres humanos possam se relacionar com o meio – que são as bases para a criação de um *Projeto Axiológico Coletivo* adequado para as sociedades de conhecimento. Esses projetos contarão com a *Epistemologia Axiológica*, que é uma disciplina cujo objeto são os fenômenos axiológicos humanos. Não obstante, por ser uma disciplina, contempla procedimentos, conteúdos, a metodologia e formas para fazer emergir certas aptidões dos alunos. Nesse momento revelou-se *IDS-ICS* – *interesse, distanciamento, silenciamento, indagação, comunicação, serviço* –, uma dupla tríade de aptidões que funciona em conjunto. Se trata de uma dupla tríade de aptidões necessária para que se possa conduzir pelo caminho rumo ao encontro da *Qualidade Humana Profunda*. Marià Corbí aponta, assim, para o fato de que a arte é uma possibilidade para se colocar a caminho do cultivo da *Qualidade Humana Profunda*. Essa foi a ponte utilizada para propiciar o encontro entre a construção de Marià Corbí e a prática cinéfila.

Para coletar os dados, tendo como suporte metodológico, nesse momento, a realização do grupo focal online. O grupo selecionava obras cinematográficas, as assistiam e discutiam, por videoconferência, sobre suas percepções. Por mais que, nas intuições iniciais, o pano de fundo fosse o cinema, por causa dos dados obtidos com esse grupo, o foco acabou se voltando para filmes.



Dessa forma, respondendo à pergunta norteadora deste artigo, que foi: pode a prática cinéfila ser uma forma de cultivo da *Qualidade Humana Profunda* nas sociedades do conhecimento? a resposta é: não somente ela. No recorte do grupo pesquisado, não é a prática cinéfila sozinha que contribui para o cultivo da *Qualidade Humana Profunda*, mas também a *amizade*. A prática cinéfila é como se fosse o meio de transporte, onde o passageiro é a *amizade* e o ponto de chegada é esse cultivo.

A amizade possui potencial, como visto nos dados coletados, de manejar o axiológico humano. Nesse sentido, pode ser trabalhada por meio da disciplina *Epistemologia Axiológica*. Cultivando relações humanas baseadas nessa simbiose a questão da hierarquia e submissão poderá ter suas raízes cortadas.

Talvez fosse interessante dedicar um estudo exclusivo à questão da amizade dentro das sociedades do conhecimento, traçando um paralelo com a crescente das redes sociais, que proporcionam quase que uma mescla entre o real e o virtual, e as relações palpáveis entre os seres humanos. Contudo, essa é, certamente, uma questão para outra investigação.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Thaís de Matos; JUNIOR, José Bartolomeu dos Santos; CHAVES, Vitor Chaves. *O islamismo no cinema: a representação do feminino no mundo árabe pelo Oriente e Ocidente*. Sacrilegens, Juiz de Fora, v. 20, n. 2, p. 214-229, jul./dez. 2023.

BARBOUR, Rosaline. *Grupos focais*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CANUDO, Ricciotto. *Manifeste des sept arts*. Paris: Séguier, 1995.

CORBÍ, Marià. *El Conocimiento silencioso. Las raíces de la Calidad Humana*. Barcelona: Fragmenta Editorial, 2016.

CORBÍ, Marià. *El Sentir Hondo de la Vida. Principios de Epistemología Axiológica 7*. Madri: Bubok Publishing S.L, 2021.

CORBÍ, Marià. *La Construcción de los Proyectos Axiológicos Colectivos: principios de epistemología axiológica*. Madri: Bubok Publishing S.L, 2013.

CORBÍ, Marià. *Para uma espiritualidade leiga: Sem crenças, sem religiões, sem deuses*. São Paulo: Paulus, 2010.

CORBÍ, Marià. *Protocolos para la construcción de organizaciones creativas y de innovación*. Principios de Epistemología Axiológica 3. Madri: Bubok Publishing S.L, 2015.



CORBÍ, Marià. *Proyectar la sociedad, reconvertir la religión: Los nuevos ciudadanos*. Barcelona: Herder, 1992.

CORBÍ, Marià. *Proyectos colectivos para sociedades dinâmicas: Principios de Epistemología Axiológica*. Barcelona: Herder, 2020.

GIGLIOTTI, Analice. *IBGE: crescimento da depressão é realidade no Brasil*. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/blog/manual-de-sobrevivencia-no-seculo-21/ibge-crescimento-depressao-brasil/>. Acesso em 22 ago. 2021.

SENRA, Flávio; CAMPOS, Fabiano Victor de Oliveira. *Senso religioso contemporâneo e os sem-religião: uma provocação a partir de Emmanuel Lévinas*. Caminhos, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 312-331, jul./dez. 2014.